



PALAVRAS QUE MACHUCAM: uma prática pedagógica sobre respeito e convivência em uma turma multisseriada a partir da experiência do PIBID

Thallys da Silva Correia ¹
Cleilton Oliveira da Silva ²
Maria do Socorro Castro Hage ³

RESUMO

Este trabalho, resultado da experiência desenvolvida no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), busca relatar uma atividade pedagógica realizada em uma turma multisseriada do 4º e 5º ano do ensino fundamental, em uma escola de Igarapé-açu, no Pará, situada na zona rural, com o objetivo de promover a reflexão sobre o impacto das palavras nas relações sociais. A proposta surgiu a partir da observação do uso de palavras de baixo calão e maus comportamentos recorrentes entre os educandos. Nesse contexto, a pesquisa se caracteriza como qualitativa, com base em observação e análise descritiva da experiência, além de se apoiar em revisão bibliográfica para fundamentação teórica. Diante dessa realidade, a aula foi organizada em etapas sequenciais, iniciando com a dinâmica caça-história do texto Palavras que Machucam, seguida por roda de conversa, produção de cartas ao personagem principal da narrativa, criação da caixa de palavras e, por último, a confecção de um cartaz coletivo com mensagens positivas. A atividade integrou leitura, escrita e o lúdico, o que favoreceu a participação ativa dos alunos. No que tange os resultados, observou-se valorização da participação de todos no caça-história, a expressão de arrependimento na produção das cartas e sensibilização quanto ao uso da linguagem. A experiência também contribuiu para a formação docente dos participantes do programa, evidenciando que práticas pedagógicas sensíveis ao contexto e mediadas pelo lúdico podem promover aprendizagens transformadoras e livres de constrangimentos aos educandos.

Palavras-chave: Escola multisseriada, leitura, escrita, linguagem, respeito.

INTRODUÇÃO

A escola é um espaço de formação humana que deve promover não apenas o domínio de conteúdos, mas também o desenvolvimento de atitudes éticas, solidárias e respeitadas (Brasil, 2017). Essa demanda requer ainda mais atenção em turmas multisseriadas da educação do campo, nas quais diferentes faixas etárias compartilham o mesmo espaço e carregam diferentes experiências. Nesse contexto, é fundamental que a escola promova o diálogo para o reconhecimento das diferenças e da convivência em paz.

1 Discente de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará/Campus Igarapé-Açu/Brasil; Bolsista de iniciação a docência, e-mail: thallys.correia@aluno.uepa.br

2 Discente de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará/Campus Igarapé-Açu/Brasil; Bolsista de iniciação a docência, e-mail: cleilton.odsilva@uepa.br

3 Doutora em Educação: Currículo com pós doutorado em Educação. Pela PUC - SP. Universidade Estadual - UEPA, e-mail: socorro.hage@uepa.br





Diante dessa realidade, a experiência descrita neste artigo foi vivenciada em uma escola do campo, em uma turma de 4º e 5º anos, e teve origem em uma problema recorrente observado no cotidiano escolar das crianças, que era o uso de palavras ofensivas entre os alunos, como “viadinho”, “sapatona” e outros comportamentos marcados pelo desrespeito. Essas falas e atitudes, mesmo que sendo banais entre as crianças, apresentaram a necessidade de um proposta de intervenção pedagógica que promovesse algum tipo de reflexão sobre o uso dessa linguagem ofensiva nas relações sociais.

Nesse sentido, o relato dessa experiência é importante pelo seu potencial de contribuir com a formação de uma cultura de respeito dentro da escola, especialmente em um cenário onde as ofensas verbais estavam sendo reproduzidas sem muita intervenção. Assim, a escolha por um atividade lúdica com foco na leitura e na escuta teve como objetivo sensibilizar e estimular mudanças de comportamento na forma como as crianças se relacionavam. Ao abordar o uso da linguagem, a atividade tentou articular leitura e escrita e a convivência, a fim de contribuir com o desenvolvimento dos educandos.

Portanto, apresentamos o relato dessa experiência vivida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com o objetivo geral de analisar os efeitos de uma prática pedagógica voltada à promoção do respeito mútuo na turma multisseriada do 4º e 5º da educação do campo, situada em Igarapé-açu, no Pará. Como objetivos específicos, pretende-se descrever as etapas da atividade desenvolvida e sua relação com o cotidiano da turma; refletir sobre os avanços observados no comportamento e na aprendizagem dos alunos; discutir os desafios enfrentados durante a condução da prática; e compreender como a abordagem lúdica pode favorecer a convivência respeitosa no espaço escolar.

METODOLOGIA

Este relato de experiência utiliza uma abordagem qualitativa, cujo foco está na análise da atividade desenvolvida no contexto da turma multisseriada da educação do campo. De acordo com Gil (1999, p. 42), a pesquisa qualitativa “é subjetiva ao objeto de estudo”, sendo útil quando se busca entender as ações dos sujeitos envolvidos. Além disso, a construção deste artigo utilizou pesquisa bibliográfica, usada como um suporte para embasar as escolhas metodológicas e analisar os resultados obtidos da atividade. Conforme destacam Marconi e Lakatos (2003, p. 183), “a pesquisa bibliográfica possibilita a construção de novos conhecimentos a partir da seleção e análise de teorias e ideias previamente sistematizadas”.





Na experiência vivenciada na turma multisseriada do 4º e 5º ano da educação do campo, a aula foi organizada em diferentes etapas, combinando momentos lúdicos, reflexivos e de produção escrita.

Na primeira etapa da aula ocorreu a caça-história, uma dinâmica inspirada em jogos de pistas, na qual os alunos seguiram orientações espalhadas pela escola. Cada pista levava a outra, e ao final, encontravam trechos de uma história chamada Palavras que Machicam que deveriam montar em grupo. A atividade estimulou a leitura atenta, a cooperação e o senso de observação, além de despertar grande entusiasmo nos alunos.

Após a conclusão da dinâmica, as crianças retornaram para a sala de aula, onde se reuniram para compartilhar as partes da história que haviam encontrado e organizá-las coletivamente. Na sequência, os alunos receberam algumas reflexões sobre a história vivenciada e foram convidados a escrever uma carta direcionada ao personagem Lucas, protagonista da narrativa trabalhada.

Em seguida, foi realizada a atividade da caixa de palavras, onde os alunos sortearam palavras relacionadas à história e ao tema do respeito. Com essas palavras, formaram frases ou pequenos textos, exercitando a criatividade e ampliando o vocabulário.

Na última parte, os alunos participaram da confecção de um cartaz coletivo, reunindo as principais mensagens e aprendizados obtidos ao longo da aula. Esse cartaz foi exposto na sala como forma de valorização do trabalho dos educandos.

DOCÊNCIA COMO PRÁTICA ÉTICA E FORMADORA

A experiência que é relatada neste trabalho é norteadora por um conjunto de princípios pedagógicos que envolvem o papel do educador como um formador ético, a valorização do lúdico em sala de aula, a promoção do respeito e o desenvolvimento das competências de leitura e escrita. Esses eixos se articulam no enfrentamento de situações vivenciadas na escola e embasam a sequência didática adotada na realização da aula. A seguir, apresentamos os principais fundamentos que sustentaram essa proposta.

O exercício da docência, em específicos cenários caracterizados por vulnerabilidade, exige uma postura ética perante as relações estabelecidas em sala de aula. Arroyo (2003, p. 196) defende que “toda relação educativa será o encontro dos mestres do viver e do ser, com os iniciantes nas artes de viver e de ser gente. Os mestres no centro da pedagogia, não apêndices”. A afirmação do pensador enfatiza o papel do professor como um mediador na formação dos sujeitos, e não apenas um transmissor de conteúdos.





Freire 1996 (p. 104), por sua vez, aponta que “a prática docente, especificamente humana, é profundamente formadora, por isso, ética”. Para o autor, o ato de ensinar requer coerência entre a fala e a ação, dialogicidade e respeito à dignidade do educando. Freire compreende essa ética como um ato político que se incorpora na sala de aula quando o educador assume a responsabilidade de desenvolver um ambiente de convivência respeitosa.

LÚDICO E APRENDIZAGEM NA INFÂNCIA

O uso de atividades lúdicas têm se demonstrado um caminho potente para promover a aprendizagem significativa, especialmente na infância. Kishimoto (2011, p. 7) afirma que “o jogo é o meio pelo qual a criança conhece o mundo, experimenta papéis, formula hipóteses e vivencia situações do cotidiano”. Ao se considerar integradas as práticas em sala de aula, o lúdico deixa de ser apenas o brincar pelo brincar e passa a assumir uma função formativa.

A perspectiva da pensadora é reforçada por Vygotsky (1991, p. 61), que defende que “a brincadeira é a fonte de desenvolvimento e criação de novas formas de comportamento”, por possibilitar que a criança aja em uma zona de desenvolvimento proximal. No contexto da atividade relatada, o jogo de caça à história foi pensado como uma forma de engajar inicialmente os alunos, o que favorece a cooperação na leitura coletiva e o desenvolvimento da união entre eles.

LINGUAGEM, ESCUTA E RESPEITO À DIVERSIDADE

O aspecto ético da linguagem ocupa um lugar central no ato de educar. Freire (1996, p. 48) reconhece que “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. A comunicação ofensiva, como os xingamentos recorrentes em tom de brincadeira entre os alunos da turma, deve ser enfrentada com escuta e diálogo.

Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) orienta que a escola desenvolva em toda a educação básica a capacidade de empatia, acolhimento e respeito à diversidade. Segundo a Competência Geral 9 da BNCC, espera-se que os estudantes possam “exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade” (Brasil, 2017, p. 10).





Diante dessa orientação, a atividade Caixa da desculpa procurou colocar em prática esses princípios, a fim de desenvolver um espaço de reconhecimento de erros, mas sem julgamentos e com consciência e responsabilidade.

LETRAMENTO E PRODUÇÃO ESCRITA COM SENTIDO

A escrita, quando em cenários reais de comunicação, contribui para o letramento dos educandos de maneira mais significativa. Soares (2004, p. 15) explica que “alfabetização não precede o letramento, os dois processos são simultâneos, [...] interdependentes, e indissociáveis”. Assim sendo, a atividade de produção de cartas para o personagem Lucas e os relatos anônimos foram uma oportunidade de usar a linguagem escrita para expressar suas opiniões, sentimentos e experiências.

O momento de escrita também foi acompanhado por uma atividade de caligrafia, que, mesmo se tratando de algo mais técnico, ganhou sentido ao estar integrado ao vocabulário afetivo desenvolvido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da atividade foram positivos tanto no viés pedagógico quanto no desenvolvimento social e cidadão das crianças. Desde o início da proposta, o entusiasmo com o caça a história foi perceptível. O jogo promoveu entre os educandos a cooperação e a leitura compartilhada, integrando os alunos dos diferentes anos da turma multisseriada. Kishimoto (2011, p. 7) enfatiza que “o jogo é o meio pelo qual a criança conhece o mundo, experimenta papéis, formula hipóteses e vivencia situações do cotidiano”, o que se concretizou no comportamento das crianças durante a atividade.

Além do entusiasmo marcante dos educandos, outro aspecto observado que destacamos foi a preocupação dos alunos em garantir que todos participassem. Quando eles encontravam um trecho da história, sempre chamavam os colegas que ainda não tinham lido para fazê-lo, o que evidencia o cuidado em grupo. Esse comportamento das crianças evidencia o exercício da empatia e da inclusão. Vygotsky (1991) já dizia que “a brincadeira é a fonte de desenvolvimento e criação de novas formas de comportamento” (p. 61), o que se expressou nessa atitude espontânea de valorização da participação de todos os educandos.

No passo seguinte, durante a roda de conversa, alguns alunos, em respostas soltas, reconheceram situações em que faltaram com respeito com seus colegas. Esse momento possibilitou a escuta mútua e o reconhecimento efeito do uso da linguagem nas relações





sociais. Como nos diz Freire (1996, p. 48) “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. Assim, criou-se uma sala de aula dedicada ao desenvolvimento de valores, no qual as crianças se sentiram respeitadas e dispostas a repensar suas atitudes.

Em seguida, as cartas escritas ao personagem Lucas revelaram avanços importantes no uso da linguagem escrita como forma de expressão ética. Soares (2004, p. 15) afirma que “a alfabetização não precede o letramento, os dois processos são simultâneos, [...] interdependentes, e indissociáveis”. A atividade das cartas revela não apenas o desenvolvimento do domínio da escrita, mas também consciência sobre agir com respeito, o que mostra que as crianças foram para além de uma atividade formal.

Na sequência, a atividade da caixa da desculpa foi um dos momentos mais significativos da proposta. Enquanto auxiliávamos os alunos na escrita dos seus bilhetes, uma aluna disse “vou pedir desculpa pra minha mãe”. Mesmo não sabendo o motivo do pedido, o fato dela ter escolhido a mãe como destinatária do bilhete indica que a atividade estava promovendo o reconhecimento de erros e estimulando a reparação. Essa experiência reforça a importância de desenvolver espaços nos quais os educandos tenham a possibilidade de refletir suas ações. A BNCC, em sua competência geral 9, orienta que os educandos devem exercitar empatia, diálogo e valorização da diversidade (Brasil, 2017), o que se tornou realidade nessa etapa da atividade.

Em continuidade, a construção do cartaz coletivo junto da atividade de caligrafia contribuíram para consolidar o vocabulário positivo desenvolvido durante a atividade. Soares (2004, p. 8) enfatiza que é necessário avançar do saber ler e escrever em direção ao ser capaz de fazer uso da leitura e da escrita”, o que foi realizado ao integrarmos a linguagem escrita ao cuidado com a vivência respeitosa. As crianças, ao escreverem as palavras que curam o coração, fizeram uso da linguagem como meio de transformação das relações.

Todavia, é válido destacarmos alguns desafios que enfrentamos durante o desenvolvimento das atividades. Em determinados momentos, o agitação das crianças dificultou um pouco o mantimento do foco, especialmente no caça a história. Também tivemos de nos ajustar ao tempo, já que a produção escrita demandou mais tempo que o previsto. No entanto, essas dificuldades foram contornadas com paciência e mediação docente. Arroyo (2003) compreende que o professor está no centro da pedagogia, conduzindo práticas que envolvem a escuta, a mediação e a ética. Nesse sentido, a postura adotada em sala durante a atividade foi pelo cuidado com os educandos.





Em última análise, enquanto professores em formação pelo PIBID, essa experiência também nos ofereceu importantes aprendizados. Na prática, compreendemos que a sala de aula é permeada por conflitos e que o professor precisa estar preparado para lidar com eles com sensibilidade e estratégia. Durante o planejamento, escolhemos não mencionar explicitamente os xingamentos e outros comportamentos que motivaram a proposta, evitando constranger as crianças. Em vez disso, elaboramos a aula de forma que os conduzisse aos poucos à reflexão. O envolvimento espontâneo dos alunos e suas falas evidenciaram que nossa abordagem foi eficaz.

Diante do exposto, a atividade mostra que práticas baseadas no lúdico, no diálogo e na escrita reflexiva enquanto uma prática social podem gerar aprendizagens profundas. Dessa forma, ao envolver escuta, cuidado com a linguagem e o exercício da empatia, a aula promoveu um ambiente de responsabilização e crescimento coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato de experiência possibilitou mostrar como uma prática pedagógica baseada no lúdico e na escuta e escrita reflexiva têm potencial para a promoção de uma convivência de paz entre as crianças da multissérie. Por meio da sequência de atividades, foi possível aliar as competências de leitura e escrita com habilidades essenciais para formação cidadã.

Os resultados da aula mostraram que a abordagem favoreceu a cooperação entre as crianças. Através das estratégias, como a caça à história, as cartas ao personagem e a Caixa da Desculpa, levou as crianças a repensarem suas atitudes. Esse momento revela a importância de trabalhar temas sensíveis, mesmo que de forma indireta, sem expor os indivíduos e tornar o processo constrangedor.

Além disso, a atividade evidenciou que a linguagem escrita pode ser uma ferramenta simbólica quando colocada em cenários reais de uso. Nesse caso, a escrita ultrapassa a dimensão meramente técnica, visto que tornou-se meio para pedir desculpas.

Para nós, professores em formação, essa experiência permitiu compreender melhor o papel de docente enquanto mediador de conflitos em sala de aula. A atividade aplicada nos mostrou como é possível criar práticas pedagógicas transformadoras quando se tem escuta e cuidado.

Logo, que atividades como a que foi desenvolvida devem ser incentivadas, pois contribuem para um ambiente escolar acolhedor que se preocupa com a formação ética dos





educandos e os coloca no centro do processo de aprendizagem para que a educação se cumpra.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. **Ofício de mestre: imagens e auto-imagens**. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, p. 5–17, jan. 2004.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução de José Cipolla Neto, Luiz Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

